

CAPÍTULO 1

Mrs Palfrey entrou pela primeira vez no Hotel Claremont num domingo à tarde, em janeiro. A chuva cerrara-se sobre Londres e o táxi desceu a Cromwell Road, quase deserta, a chapinhar, passando pelos sucessivos pórticos cavernosos. O motorista seguia devagar e deitava a cabeça de fora, sob a chuva, pois o hotel era-lhe desconhecido. Essa descoberta, de que ele não o conhecia, desconcertara um pouco Mrs Palfrey, pois ela também não o conhecia, e começou a perguntar-se para onde vinha. Tentou expulsar do coração o terror. Assustou-a o perigo de uma depressão.

Se não for agradável, não preciso de ficar, garantiu a si mesma, mexendo ligeiramente os lábios, inclinada para a frente no táxi, a olhar de um lado para o outro da rua ampla e assustadora, quase com medo de ler o nome Claremont por cima de um daqueles pórticos. Havia tantos hotéis, uns a seguir aos outros, naquela rua, e todos muito idênticos.

Encontrara por puro acaso um anúncio num jornal de domingo, quando estava na Escócia em casa da filha Elizabeth. Preços reduzidos no inverno. Cozinha excelente. Coisas que nos deixam sempre com dúvidas, pensara na altura.

Por fim, o táxi abrandou. «Hotel Claremont», leu, com toda a clareza, em grandes letras que abrangiam aquilo que deviam ser duas — talvez, mesmo, três — grandes casas transformadas numa. Sentiu-se aliviada. Os pilares do pórtico tinham sido pintados recentemente; nas floreiras das janelas havia loureiros malhados; cortinas limpas — uma fachada de acentuada respeitabilidade.

Arrastou-se para fora do táxi e, apoiando-se à bengala de ponta de borracha, atravessou o passeio e subiu alguns degraus. As varizes hoje doíam-lhe.

Era uma mulher alta, com grandes ossos e um rosto nobre, sobrancelhas escuras e as bochechas claramente descaídas. Teria dado um homem de aspeto distinto e, por vezes, de vestido de noite, parecia um famoso general vestido de mulher.

Seguida pelo motorista e pela bagagem (pois o hotel não deu sinal de vida), lutou com a porta giratória e entrou quase de gangão no vestíbulo silencioso. A rececionista foi friamente amável, como se trabalhasse numa casa de saúde, e mais propriamente para doentes mentais. «Mas que dia!», disse. O motorista do táxi, entrando desastrosamente com as malas, parecia uma criatura de outra galáxia naquele local abafado, e foi de imediato assistido pelo porteiro. Mrs Palfrey abriu a mala de mão e tirou dela moedas com todo o cuidado. Tudo o que fazia era sem pressas, de modo quase autoritário. Sempre soubera como comportar-se. Mesmo como noiva, em condições estranhas e alarmantes, no Burma, fora magnífica, calma — quando (por exemplo) a levaram de barco a remos através das enxurradas para a sua nova casa; serena, foi encontrá-la mais do que húmida e com uma serpente enroscada na balaustrada para lhe dar as boas-vindas. Endireitara as costas e tivera uma boa conversa consigo mesma, como fizera esta tarde no comboio.

Embora tivesse uma longa prática, achava que atualmente era mais difícil tomar decisões. Quando era nova, tivera uma imagem da sua pessoa para apresentar, primeiro ao marido recente, que admirava, a seguir a si própria, e em terceiro lugar aos nativos (sou uma mulher inglesa). Agora, ninguém refletia a sua imagem, que assim parecia depauperada: perdera dois terços do antigo valor (nem marido, nem nativos).

Quando o porteiro pousou as malas e se foi embora, pensou que os prisioneiros devem sentir-se como ela se sentia naquele momento, a primeira vez que os deixam na cela: primeiro, viram-se para a janela, a seguir, olham em volta e fixam os olhos na porta fechada; depois, contam os passos de parede a parede. Visualizou isto num ápice.

Da janela podia ver — era só o que podia ver — uma parede branca de tijolo pela qual a chuva suja deslizava, e uma escada de

incêndio em ferro forjado que era bastante graciosa. Procurou ver que era graciosa. A vista — sobretudo neste escurecer de tarde — era desanimadora; mas as traseiras dos hotéis, que estão reservadas a senhoras indigentes, não se pode esperar que tenham uma bonita vista, bem sabia. O melhor está guardado para casais em lua de mel, embora só Deus saiba para que precisam disso.

A cama parecia um bocado alta e a alcatifa estava gasta, mas não puída. Era possível distinguir nela rosas. Uma chaminé de canto fora tapada com tábuas, mas ainda tinha na frente o chão da lareira, em ladrilhos azul-pavão. O radiador emitia um cheiro seco a chamuscado e ruídos abafados. Pesados puxadores de madeira nas gavetas da cómoda, reparou. Parecia mais o quarto de uma criada.

Tirou o chapéu e ajeitou o cabelo. Tinha-o curto e grisalho, simetricamente ondulado, como se uma mão tivesse pousado sobre ele e dado um apertão.

O silêncio era estranho — silêncio e estranheza de domingo à tarde; por agora tinha o coração aos saltos, palpitava num desespero terrível, como já acontecera uma vez, quando de repente concluíra, ou de repente fora obrigada a concluir, que o marido, às portas da morte, ia com efeito atravessá-las. Contra todas as esperanças e perante todas as suas orações.

Agora, para se acalmar, sentou-se na beira da cama, respirou fundo e levantou o queixo, como se estivesse a dar um bom exemplo.

O elevador, ao longe, gemeu. Não tardou a ouvir a porta bater e houve uma dispersão de sons, de passos, de conversa, pessoas a aproximarem-se, a virarem de um corredor para outro. Duas vezes educadas passaram finalmente pela sua porta. Ficou grata por elas.

A sua disposição sombria passara, começou a desfazer as malas. Pendurou a roupa e pensou em casas de antigamente; mas com agrado, já não com desânimo. Tudo aquilo em que agora tocava era familiar — comprimidos chocalharam com intimidade nos frascos, quando ela os arrumou na mesa de cabeceira. A capa curta de pele, pendurou-a numa cadeira. Cheirava a cânfora e a animal, como sempre cheirara. Decidira levá-la quando descesse para jantar, para causar uma primeira impressão marcante. A quem, viria ou não a saber. Ao lado da cama pousou o *Golden Treasury* de Palgrave e a sua Bíblia, embora não fosse religiosa.

Depois de desemalhar tudo — e fê-lo durar o mais que pôde, para que mais tarde parecesse mais cedo —, pegou na bolsa de *toilette* e foi corredor fora, até à porta que tinha a inscrição «Casa de Banho das Senhoras».

A sua mesa ficava num canto da sala de jantar. Tinha um único crisântemo branco e um raminho de verdura numa jarra prateada. Em breve teria o seu pacote de bolachas integrais e, ao pequeno-almoço, o seu próprio *Allbran* e uma marca de geleia de qualidade. Não gostava da geleia do hotel.

Nas outras mesas, encontravam-se mais algumas senhoras de idade, que davam a impressão, a Mrs Palfrey, de estarem ali sentadas havia anos. Esperavam pacientemente pela sopa de aipo, com as mãos cruzadas no regaço e o olhar ausente. Havia um ou dois casais que ocasionalmente faziam comentários entre si para manter as aparências, lembrados um do outro momentaneamente por um vago olhar em volta ou por uma crítica ao pão. Esses pareciam estar mais de passagem do que as senhoras idosas. Os criados de mesa deslocavam-se de um lado para outro silenciosamente sobre a tapete espessa, como se participassem num ritual. Muitas das mesas estavam vazias.

Depois da sopa de aipo pastosa, houve alternativa entre galinha do Surrey assada e peru de Norfolk frio. Depois o carrinho de chá circulara em redor, com a sua carga de compotas vermelhas a chovalhar e salada de fruta a entornar-se (sobretudo, Mrs Palfrey reparou, maçãs e bananas às fatias). O café foi servido na sala de estar. Passou-se tudo bastante depressa, sem conversas para fazer crescer o tempo. Oito e um quarto.

Na sala de estar, saiu à cena o *tricot*. Houve mesmo um pouco de conversa sem nexo. Mrs Palfrey sabia que, em hotéis como este, os residentes tinham cadeiras especiais, e, à sua maneira habitual de ter a certeza de como se comportar, nesta primeira noite sentou-se num sítio pouco iluminado perto da porta e numa corrente de ar, pôs a capa em redor dos ombros e abriu o seu Agatha Christie.

Às nove horas notou que as pessoas estavam a agitar-se. Agulhas de *tricot* espetaram-se em novelos de lã (arranjaria um *tricot* qualquer para si no dia seguinte, decidiu), livros fecharam-se com grati-

dão, como se tivessem sido apenas objetos de pausa, e corpos rígidos levantaram-se de poltronas com espalhafato.

Só ela continuou a ler e ficou intrigada, até que uma mulher mais velha, mais vagarosa que as outras, dobrada pela artrite e que andava com duas bengalas, interrompeu o seu lento avanço para a porta junto da sua cadeira. «Não vem ver a série?», perguntou-lhe, e tinha o ar de quem teria sorrido se não sentisse tantas dores.

Mrs Palfrey pôs-se em pé rapidamente e corou um pouco, como se fosse uma nova aluna na escola, a quem o diretor dirigia a palavra pela primeira vez.

«Chamo-me Elvira Arbuthnot», disse a mulher coxa de modo sucinto, arrastando-se para a saída. «Gostamos sempre de ver a série», disse. «Serve de pausa.»

Mrs Palfrey estava satisfeita com o primeiro serão. Alguém falara com ela, tinha um nome para recordar. Amanhã, ao pequeno-almoço, podia inclinar a cabeça e dizer «Bom dia» a Mrs Arbuthnot. Significaria ter um agradável começo de dia. E, depois, sairia para ir comprar as bolachas integrais e o boião de geleia e também alguma lã. (Que diabo havia de tricotar, pensou, e para quem?) Desse modo estaria ocupada toda a manhã.

Ajudou a sua recém-conhecida a encontrar uma cadeira na sala às escuras. Por sua vez sentou-se num banco, atrás de uma fila de poltronas. Cabeças com cabeleiras ralas repousavam nos respetivos panos de proteção. Alguém se voltou com rigidez e olhou um instante para ela, como se a avisá-la para não se mexer. Manteve-se muito quieta. Da série pouco percebeu, pois chegara atrasada.

O hotel esteve em silêncio toda a noite; até o trânsito londrino parecia estar a passar num outro mundo, abafado e embalador. Mrs Palfrey dormiu mal e alegrou-se quando finalmente ouviu alguém atravessar o corredor e a água começar a sair da torneira com um jato. Levantou-se, vestiu o roupão e sentou-se, preparada, com a bolsa de *toilette* pendurada do pulso, à espera de ouvir os passos voltarem para trás. Quando isso aconteceu, saiu do quarto com uma pressa discreta, percorreu o corredor, e pôs a mão na porta da casa de banho antes que mais alguém pudesse sequer virar a esquina.